

Agradecimento aos associados e associadas da ABA pela participação na 31ª RBA

Agradeço em nome da diretoria da ABA e da comissão organizadora local a todos e todas que compareceram à 31ª Reunião Brasileira de Antropologia em Brasília de 9 a 12 de dezembro de 2018. A todos e todas que se inscreveram e participaram de fóruns, simpósios, mesas, grupos de trabalho, oficinas e cursos, agradeço pela qualidade dos trabalhos e pela alegria do encontro que tanto estimula a produção antropológica. Foram 1515 os inscritos que se credenciaram, vindos de todos os estados brasileiros, sendo 19 os estrangeiros, mas tivemos também participantes ouvintes. Cerca de 1200 outros inicialmente inscritos não chegaram a vir, indicando possivelmente dificuldades de financiamento, além das de caráter pessoal. Conseguimos financiamento para a vinda de pesquisadores das agências da CAPES, do CnPq, da FAP/DF e da FAPESP. Contudo, ano a ano, cada vez mais não tem sido suficiente para o financiamento de todos, ademais de as agências apoiarem a organização do evento. Importante relevar e agradecer os financiamentos obtidos, em especial ao da CAPES.

A diversidade de raça, gênero e etnia esteve presente por todo o encontro. A mesa coordenada por Priscilla Faulhaber, intitulada “Museus e Patrimônios pensados por indígenas universitárias”, contou com a presença das indígenas universitárias: Eliane Boroponesa Mouzilar e Carolina Camargo de Jesus. O Simpósio organizado por Andrea Zhouri “Desregulação ambiental e seus efeitos sociais” contou com a presença de Alessandra Corapi da Associação Indígena Pariripi. Pesquisadores negros e negras, como professores ou estudantes, estiveram presentes em simpósios, mesas, grupos de trabalhos, fóruns, assim como no “dueto” e “quarteto” organizados pela presidência e diretoria da ABA, todas atividades de reconhecimento científico e social. Esta diversidade cada vez mais está presente nas escolhas e nas possibilidades de nos tornarmos um corpo de antropólogos e antropólogas mais diverso, contando cada vez mais com antropólogos e antropólogas indígenas, negras e quilombolas. Muito há ainda a fazer, mas os caminhos estão postos e outros serão construídos e trilhados. A proposta de um Comitê Permanente de Antropólogas Negras e Antropólogos Negros foi apresentada pelos pesquisadores negros e negras presentes na 31ª RBA como moção na Assembleia Geral e muito bem recebida pela atual Presidência e Diretoria, assim como pela Presidência e Diretoria eleitas que tomarão posse em 21 de janeiro de 2019.

A Presidência e toda a diretoria objetivaram incluir nas atividades tradicionalmente por elas propostas: “conferências” e “duetos”, realçar nesta 31ª RBA a antropologia em ação no estudo, na pesquisa e na defesa dos direitos humanos. Em 2018, a Constituição Brasileira de 1988 completou 30 anos e a Declaração Universal dos Direitos Humanos completou 70 anos. Eric Fassin nos falou sobre direitos à não discriminação de raça e gênero. Veena Das que infelizmente não pôde vir, nos enviou texto (que foi lido) construindo a articulação entre lei e violência. Nathan Wachtel nos apresentou a articulação entre a lógica da inquisição medieval e a lógica da inquirição acusatória que pode estar presente em sociedade e estado autoritário.

Os desafios dos direitos indígenas inscritos em nossa Constituição, foram analisados em diálogo entre o antropólogo João Pacheco que se dedica ao estudo de povos indígenas e da política indigenista há décadas e antropólogos indígenas que são também lideranças indígenas: Tônico Benites e Josiléia Jacodsen. Os desafios dos direitos quilombolas inscritos em nossa constituição foram analisados em diálogo entre o antropólogo Alfredo Wagner que se dedica há décadas aos estudos dos direitos das

comunidades quilombolas e a liderança quilombola Anacleto Pires da Silva. Os riscos aos direitos à cidadania urbana para aqueles e aquelas que vivem em contextos violentos e que se situam em situação de extrema vulnerabilidade, foram analisados pelas antropólogas Adriana Vianna e Lucia Eilbaum e pelas lideranças de movimentos sociais no Rio de Janeiro contra a violência: Ana Paula Oliveira, mulher negra do movimento das Mães de Manguinhos e de Maria Dalva da Silva, mulher negra do movimento de Comunidades contra a violência. Autos de Resistência, documentário da antropóloga e cineasta Natasha Neri subsidiou todo o debate pois aponta inequivocamente os riscos de um Estado Policial que não dá direito de defesa e direito à vida a grande parte dos que vivem em comunidades periféricas consideradas “perigosas”.

Agradeço em especial à comissão local, a proposta de um local de reunião: a nossa “tenda” que tanto abrigou o credenciamento, a secretaria do evento, os estandes de livros, o espaço de atividades culturais como propiciou espaço de conversa próximo a restaurante e à maior parte dos locais das salas de apresentação de trabalhos. Espero que os associados e associadas tenham relevado a necessidade de percorrer um espaço um pouco mais distante para chegarem ao Auditório da AdUnB pelo fato inegável que é o melhor auditório da Universidade de Brasília que poderíamos oferecer. Foi importante para todos/as nós que participamos da organização do evento, recebermos elogios pela realização da 31ªRBA.

Agradeço fortemente a Cristhian Teófilo da Silva, secretário geral da ABA, a Soraya Fleisher, a Carine Lemos, a Roberto Pinheiro, e a Silvane Xavier que, sem o seu empenho, a reunião não poderia ter o êxito que alcançou. Assim como agradeço ao Vice-presidente Antonio Motta e aos diretores/as Eliane Cantarino, Carlos Alexandre, Rozeli Porto, Fabio Mura, Regina Facchini, Claudia Turra e Lorenzo Macagno. E citando-os, me dirijo a todas as subcomissões de organização local e à equipe de monitoria para agradecer. Agradeço a todas as comissões dos Prêmios que tanto dignificaram a 31ª RBA: “Antropologia e Direitos Humanos”, “Heloisa Alberto Torres”, “Lévi-Strauss”, “Pierre Verger” e “Jovem Cientista Direitos Ambientais”, assim como às organizadoras dos Pré-eventos; “Premio Pierre Verger” e “Antropologia e Museus”, ambos com grande sucesso. Parabéns aos ganhadores da Medalha Roquete Pinto. Agradeço ainda a magnífica Reitora Marcia Moura e à Assessora da Reitora, Mônica Nogueira, e a todos da UnB que nos apoiaram neste evento de tanta relevância para a Antropologia brasileira. E, por último, citando o nome do Conselheiro de Cooperação e Ação Cultural Alain Bourdon, agradeço a Embaixada da França no Brasil a vinda dos conferencistas franceses e o apoio ao Prêmio Pierre Verger.

Lia Zanotta Machado, Presidente da ABA (2017/2018).